

10 Anos da Vala de Perus

Para não esquecer da história de quem não teve tempo para ter medo

O Cemitério D. Bosco em Perus foi “inaugurado” em 1971 pelo então prefeito Maluf. Não houve divulgação da entrega da obra, pois o que o cemitério menos precisava era de publicidade. A dificuldade de acesso, não havia sequer uma linha de ônibus que passasse pelo local, indicava que área fora escolhida para ser um cemitério clandestino.

Os corpos que ali chegavam vindos do IML não tinham identificação, não eram acompanhados por parentes e amigos. Não havia sepultamentos e cerimônias religiosas. Os corpos eram jogados numa vala, para dificultar ao máximo a sua identificação. Mas de quem eram esses corpos?

De 1964 a 1985 o Brasil viveu o pior período de sua história: a ditadura militar. Não havia eleições, os jornais eram censurados e rádios, como a Nove de Julho, foram fechadas. Políticos da oposição, líderes populares, estudantes e sindicais tiveram seus direitos políticos cassados e eram caçados pelas Forças Armadas e pela polícia.

Quem defendesse a democracia, a justiça e a igualdade era preso e torturado em órgãos policiais como o DOPS, o DOI-CODI, ou em sítios e casas clandestinas. Houve quem sobrevivesse, mas muitos foram “desaparecidos” pelo regime militar, com a conivência de políticos como Maluf, Romeu Tuma, Antonio Carlos Magalhães, entre outros.

O Cemitério de Perus é um dos locais onde várias dessas pessoas foram enterradas. Ali também eram depositados os corpos de indigentes e das vítimas do Esquadrão da Morte, um bando de policiais assassinos chefiados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. Este delegado é, ao lado de membros das Forças Armadas, um dos principais responsáveis pela tortura e morte de militantes políticos.

Famíliares dos desaparecidos políticos tinham indícios que seus parentes estariam enterrados em Perus. Em 4 de setembro de 1990, no governo do PT, a Vala de Perus foi aberta. 1049 ossadas foram catalogadas e encaminhadas para o Departamento de Medicina Legal da Unicamp. Foram identificados os corpos de Denis Casemiro, Antonio Carlos Bicalho Lana, Sonia Maria Moraes Angel Jones, Frederico Eduardo Mayr, Flávio de Carvalho Molina e Hélber José Gomes Goulart. Mas, o trabalho de identificação das ossadas, então chefiado pelo médico Badan Palhares, foi interrompido e elas ficaram abandonadas numa sala da Unicamp.

Nestes 10 anos, nem FHC, Covas, Maluf e Pitta tiveram interesse em retomar o trabalho de identificação deste material. Abandonar essas ossadas é desrespeitar os familiares dos desaparecidos políticos, que têm o direito de saber as circunstâncias das mortes e enterrar condignamente seus entes queridos. Abandonar essas ossadas é abandonar a História e permitir a impunidade. O trabalho de identificação tem que continuar. A história da Vala de Perus não pode cair no esquecimento!

Participe da “Caminhada 10 Anos da Vala de Perus”

Dia - 02 de novembro

Saída - às 8h da Praça Inácia Dias

Chegada - às 10h no Cemitério Dom Bosco

Roteiro - rua Crispim do Amaral, rua Antônio Pádua Dias, rua Estevão Resende e Estrada do Pinheirinho.

Organização

Centro Carlos Alberto Pazzini de Direitos Humanos/Perus. Pastoral de Direitos Humanos da Região Episcopal Brasilândia. Movimento Nacional de Direitos Humanos - SUL-1. Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos.

Apoio - Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de São Paulo.